

A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS NO POEMA “MARABÁ”, DE GONÇALVES DIAS

THE CONSTRUCTION OF SENSES IN THE POEM “MARABÁ”, BY GONÇALVES DIAS

Fabiany Moraes de Andrade¹
Paula de Brito Martins²
Eunice Gomes da Silva³

RESUMO

O artigo aborda sobre quais condições de produção eram construídos os sentidos no discurso presente no poema Marabá (Corpus) de Gonçalves Dias. Propõe como objetivo analisar estes sentidos e mostrar os efeitos na sociedade do séc. XIX. Adota como parte de seus dispositivos metodológicos, consulta a fontes de informação bibliográfica, dentre elas: artigos, livros, dissertações e teses relacionadas a análise do discurso de poetas da geração romântica. Norteia-se pela fundamentação teórica contida nos conceitos de Pêcheux (1990) e Fontana (2014) sobre a formação social para explicar as condições de produção nas quais o poeta estava interpelado, observa também os estudos, Orlandi (2011) e Frago (2001) vinculados ao nacionalismo presente no romantismo e pesquisas de Rodríguez Zuccolillo (2000) que auxilia como pensar o nacionalismo sob a ótica histórico-discursiva. Apresenta resultados parciais percebidos através da exaltação indígena, expressivo nacionalismo (exaltação indígena), utilização de figuras de linguagem para atribuir efeitos de sentido através do discurso romântico e o lirismo inerente ao romantismo da época, destaca também a mestiçagem e a ocorrência de preconceitos existentes no Brasil no período estudado. Considera parcialmente que o discurso presente no poema traz elementos metafóricos, comparativos, paisagísticos e de personificação para a construção dos sentidos que quando descritos não devem ser considerados literais (únicos).

Palavras-chave: Análise de discurso. Poema Marabá. Efeitos de Sentidos. Discurso romântico. Nacionalismo.

¹ Mestre em Letras pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (2018), Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade Interamericana de Porto Velho (2012), Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará (2008). Bibliotecária da Fundação Universidade Federal de Rondônia. E-mail: fabiany@unir.br

² Mestra em Letras, pela Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Porto Velho / RO; Pós-graduada em Tradução e Interpretação de LIBRAS, pela Faculdade Santo André, Polo de Ji - Paraná; Graduada em Letras - Português/Inglês, no Centro Universitário Claretiano, Batatais. Tradutora e Intérprete de Linguagem de Sinais, exercendo a função de tradução e interpretação em sala de aula, na UNIR - Fundação Universidade Federal de Rondônia - Câmpus de Ji-Paraná. E-mail: paula.martins@unir.br

³ Mestra em Letras pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR (2017). Pesquisa com ênfase em Análise de Discurso; Especialização em Linguística e Literatura (2008); Graduação em Letras - Português pela Universidade Federal de Rondônia-UNIR (2007). Atualmente exerce a função de supervisora do Curso de Formação Inicial e Continuada - Assistente de Tesouraria - IFRO. E-mail: eunice.silva@ifro.edu.br.

ABSTRACT

The article deals with what conditions of production were constructed the senses in the discourse present in the poem Marabá (Corpus) de Gonçalves Dias. It proposes as an objective to analyze these senses and show the effects in the society of the century. XIX. It adopts as part of its methodological devices, consults to sources of bibliographical information, among them: articles, books, dissertations and theses related to the discourse analysis of poets of the romantic generation. It was based on the theoretical foundation contained in the concepts of Pêcheux (1990) and Fontana (2014) on the social formation to explain the conditions of production in which the poet was interpellated, also studies Orlandi (2011) and Fragoso (2001) Linked to the nationalism present in the romanticism and researches of Rodriguez Zuccolillo (2000) that assists how to think nationalism from the historical-discursive point of view. It presents partial results perceived through indigenous exaltation, expressive nationalism (indigenous exaltation), use of figures of language to attribute effects of meaning through the romantic discourse and the inherent lyricism of the romanticism of the time, also highlights the mesticity and the occurrence of preconceptions in the Brazil in the period studied. It partially considers that the present discourse in the poem brings metaphorical, comparative, landscape and personification elements for the construction of the senses that when described should not be considered literal (unique).

Keywords: *Discourse analysis. Poema Marabá. Effects of Senses. Romantic speech. Nationalism.*

1 INTRODUÇÃO

Brasil, nacionalista, buscando sua identidade em pleno século XIX, tempo de descobertas, obras poéticas fortemente patriotas, exaltando a beleza do povo nativo, significando que a sociedade precisava de reforços escritos para reafirmar-se e reconhecer-se como independente. Procurando se descolonizar da Europa, o povo mestiço resolve colocar em suas criações marcas do nacionalismo para provocar efeitos de sentido em uma sociedade que estava se descobrindo como legitimamente brasileira. O poema “Marabá” nos mostra a história de uma mulher mestiça que sabia o que era, mas muitas vezes se via como totalmente diferente, descrita como uma mulher muito bonita, não se enquadra à época por ser miscigenada. Analisemos a seguir os efeitos de sentido presente nesse poema de autor mestiço e tentaremos entender o valor destes na sociedade do século XIX.

1.1 OBJETIVOS

- Apresentar sob quais condições de produção eram construídos os sentidos no discurso presente no poema “Marabá” de Gonçalves Dias;
- Destacar os efeitos de sentido, no Brasil, na sociedade do séc. XIX;
Apontar o nacionalismo presente no discurso do poema “Marabá”.

2 DISPOSITIVO TEÓRICO METODOLÓGICO

Adotou-se, inicialmente como método, a pesquisa bibliográfica para que houvesse a investigação dos sentidos no poema tomado como objeto ou *corpus* de estudo para o tema proposto. Isto posto, é interessante observar, quanto ao objetivo pretendido com o desenvolvimento do presente artigo, como diz (ORLANDI, 2011, p. 136): “A análise do discurso, ao definir o dizer como efeito de sentidos entre locutores, desloca a importância atribuída à informação”. Visto que, o sentido atribuído ao discurso, materializado por meio da linguagem é ideologicamente influenciado, devido:

A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele está constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso [...] que constituem, no discurso do sujeito, os traços, daquilo que o determina, são reinscritos no discurso do próprio sujeito. (Pêcheux, 1988, p. 163).

É importante frisar que a partir dos estudos *pecheutianos*, a formação discursiva dos sujeitos é constituída por intermédio de suas relações sociais ou de classes, resultantes do modo de produção, a partir das posições hierárquicas que lhe correspondem, representadas pelo materialismo histórico como base em uma releitura de Althusser e aos autores clássicos do *marxismo*, conforme Fontana (2014).

Logo, nada surge por si só, existem outras influências discursivas que se manifestam mediante processos de constituição da linguagem, dentre eles, a polissemia e a paráfrase, ambos importantes para construção dos sentidos.

Orlandi (2011, p. 137) considera a paráfrase como a ‘matriz do sentido’ (origem) que promove “um retorno constante ao mesmo espaço dizível” E a polissemia como ‘a fonte do sentido’ que “desloca o ‘mesmo’ e aponta para a ruptura”. Ou seja, entra em conflito com o

institucionalizado ao que já foi estabelecido, pois o ocorre a interpelação oriundos de vários discursos. O que o falante diz “tem relação com o seu lugar, isto é, com as condições de produção de seu discurso, com a dinâmica de interação que estabelece na ordem social em que ele vive”. (Orlandi, 2011, p.138).

Observando, que o poema a ser analisado é da autoria de Gonçalves Dias pertencente a primeira fase da Geração Romântica, suas obras foram publicadas em um Brasil já independente, mas que buscava legitimação política, cultural e linguística em relação a Portugal. Perante o exposto era natural que os discursos românticos brasileiros se constituíssem em defesa do nacionalismo, no qual exterioriza-se um interesse de “solidariedade etnocultural”. Segundo estudos de Rodríguez Zuccolillo (2000), vale ressaltar que:

Consideramos o nacionalismo, portanto, como um fenômeno, em primeira instância, político, opondo-nos radicalmente às definições mencionadas enquanto realidade psicológica apolítica, isto é, enquanto conjunto de sentimentos, crenças e comportamentos que existiriam naturalmente entre os indivíduos de uma comunidade pelo fato de compartilharem as mesmas tradições culturais. (RODRÍGUEZ ZUCCOLILLO, 2000, p. 194).

Consoante com o que aponta Frago (2001). O discurso romântico, materializa-se historicamente por meio de obras literárias e corroborou para a história da língua no Brasil. Consequentemente constitui a memória escrita da língua nacional, pois, foram criadas sob a ideologia nacionalista. Assim sendo, relembramos que na segunda metade do séc. XIX, surgem as primeiras gramáticas e dicionários no Brasil, a fim de reafirmar a língua portuguesa no país, o povo nativo buscava uma língua “brasileira”, com suas inevitáveis influências, mas uma língua independente, que não pertencia a um Brasil colônia.

O acontecimento romântico, então, constituiu-se sobre a determinação de uma memória da língua portuguesa e diante da emergência de se descrever a língua brasileira (ou seja legitimar a existência de uma língua nacional) É esse o confronto (ponto de encontro) entre memória e atualidade que constituiu o acontecimento discursivo romântico. (PÊCHEUX, 1990 Apud FRAGOSO, 2001, p. 165).

Fragoso (2001, p. 145) também menciona que: "O nacionalismo brasileiro filiava-se à teoria do Naturalismo do 'bom selvagem' de Rousseau, teoria está em que o natural representa o estado de natureza original das coisas". Por meio desta teoria, a figura do indígena e elementos da natureza são retomados como símbolos nacionais, com o intuito de criar uma conscientização nacional de valorização sobre o que é típico do território brasileiro,

influenciando o imaginário socioeconômico, por meio do discurso romântico brasileiro presente na sociedade do séc. XIX.

Mediante seus discursos os autores românticos diziam como era a sociedade brasileira, ajudando a demonstrar a identidade nacional, por meio de elementos metafóricos e outras figuras de linguagem que os sentidos eram produzidos relacionados a brasilidade, compreendida como um processo de significação. Ressaltando o que diz (FRAGOSO, 2001, p. 150): "o sujeito brasileiro não se constituiu enquanto um cidadão que participava da construção política/social/cultural de sua nação, mas como um homem da terra "dotado de sentimentos nativistas".

2.1 CORPUS

Marabá, Gonçalves Dias

Eu vivo sozinha, ninguém me procura!

Acaso feita

Não sou de Tupá!

Se algum dentre os homens de mim não se esconde:

— "Tu és", me responde,

"Tu és Marabá!"

— Meus olhos são garços, são cor das safiras,

— Têm luz das estrelas, têm meigo brilhar;

— Imitam as nuvens de um céu anilado,

— As cores imitam das vagas do mar!

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:

"Teus olhos são garços",

Responde anojado, "mas és Marabá:

"Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,

"Uns olhos fulgentes,

"Bem pretos, retintos, não cor d'anajá!"

— É alvo meu rosto da alvura dos lírios,
— Da cor das areias batidas do mar;
— As aves mais brancas, as conchas mais puras
— Não têm mais alvura, não têm mais brilhar.

Se ainda me escuta meus agros delírios:

— "És alva de lírios",
Sorrindo responde, "mas és Marabá:
"Quero antes um rosto de jambo corado,
"Um rosto crestado
"Do sol do deserto, não flor de cajá."

— Meu colo de leve se encurva engraçado,
— Como hástrea pendente do cáctus em flor;
— Mimosa, indolente, resvalo no prado,
— Como um soluçado suspiro de amor! —

"Eu amo a estatura flexível, ligeira,
Qual duma palmeira",
Então me respondem; "tu és Marabá:
"Quero antes o colo da ema orgulhosa,
Que pisa vaidosa,
"Que as flóreas campinas governa, onde está."

— Meus loiros cabelos em ondas se anelam,
— O oiro mais puro não tem seu fulgor;
— As brisas nos bosques de os ver se enamoram
— De os ver tão formosos como um beija-flor!

Mas eles respondem: "Teus longos cabelos,
"São loiros, são belos,

"Mas são anelados; tu és Marabá:
"Quero antes cabelos, bem lisos, corridos,
"Cabelos compridos,
"Não cor d'oiro fino, nem cor d'anajá,"

E as doces palavras que eu tinha cá dentro
A quem nas direi?
O ramo d'acácia na frente de um homem
Jamais cingirei:

Jamais um guerreiro da minha arazóia
Me desprenderá:
Eu vivo sozinha, chorando mesquinha,
Que sou Marabá!

(Fonte: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/gdias02.html>)

3 RESULTADOS PARCIAIS

Com base no referencial teórico exposto na seção anterior, examinaremos a construção dos efeitos de sentidos no poema, que apresentamos abaixo, no qual os elementos analisados (pronomes, substantivos, frases e figuras de linguagem) foram destacados em negrito, conforme ilustra o Quadro 1 - elementos discursivos analisados, respectivamente.

Quadro 1 – “Marabá”, Elementos Discursivos Analisados

ESTROFE	MATERIALISMO	EFEITOS DE SENTIDOS
<p>Eu vivo sozinha; ninguém me procura! Acaso feita Não sou de Tupá? Se algum dentre os homens de mim não se esconde: – “Tu és,” me responde, “Tu és Marabá!”</p>	<p>Uso do lirismo, exposição do sofrimento pessoal, “a solidão”, Referência ao Deus e a linguagem indígena. Marabá, significa índia mestiça.</p>	<p>Discurso romântico. Utilização de símbolo nacional – destaque para a língua indígena - nacionalismo Identidade Nacional</p>
<p>– Meus olhos são garços, são cor das safiras, – Têm luz das estrelas, têm meigo brilhar; – Imitam as nuvens de um céu anilado, – As cores imitam das vagas do mar!</p>	<p>Utilização das figuras de linguagem comparação e metáfora para exaltar a beleza da mestiça e utilização de elementos da natureza que remete ao padrão Europeu, mas que sofre preconceito, por não ser aceita pelos indígenas e nem pelos brancos</p>	<p>Idealização.</p>
<p>– É alvo meu rosto da alvura dos lírios, – Da cor das areias batidas do mar; – As aves mais brancas, as conchas mais puras – Não têm mais alvura, não têm mais brilhar.</p>	<p>Uso de metáforas para descrever a beleza da mestiça comparada ao ideal europeu.</p>	<p>Idealização.</p>
<p>Se ainda me escuta meus agros delírios: – “És alva de lírios”, Sorrindo responde, mas és Marabá: “Quero antes um rosto de jambo corado, “Um rosto crestado “Do sol do deserto, não flor de cajá.”</p>	<p>Enaltece a beleza indígena por meio de elementos metafóricos.</p>	<p>Símbolo nacional – Nacionalismo.</p>
<p>– Meu colo de leve se encurva engraçado, – Como hastea pendente do cactus em flor; – Mimoso, indolente, resvalo no prado, (deslize sobre o campo gramado)</p>	<p>Elementos da natureza</p>	<p>Naturalismo – interdiscurso</p>

<p>– Como um soluçado suspiro de amor!</p>		
<p>“Eu amo a estatura flexível, ligeira, Qual duma palmeira”, Então me respondem; tu és Marabá: Quero antes o colo da ema orgulhosa, Que pisa vaidosa, “Que as flóreas campinas governa, onde está”.</p>	<p>Utilização de elementos da natureza.</p>	<p>Naturalismo - interdiscurso;</p>
<p>– Meus loiros cabelos em ondas se anelam, – O oiro mais puro tem seu fulgor; – As brisas nos bosques de os ver se enamoram, – De os ver tão formosos como um beija-flor! –</p>	<p>Uso de elementos da natureza, personificação e comparação para enaltecer a beleza da mestiça.</p>	<p>Naturalismo; Idealização.</p>
<p>Mas eles respondem: “Teus longos cabelos, São loiros, são belos, Mas são anelados; tu és Marabá: Quero antes cabelos, bem lisos, corridos, Cabelos compridos, Não cor d’oiro fino, nem cor d’anajá.”</p>	<p>Usando metáfora, o autor dá voz ao Guerreiro indígena que informa que a beleza da mestiça não é a desejada.</p>	<p>Símbolo nacional – Nacionalismo.</p>
<p>E as doces palavras que eu tinha cá dentro A quem nas direi? O ramo d’acácia na frente de um homem Jamais cingirei:</p>	<p>Lirismo – solidão</p>	<p>Traços românticos</p>
<p>Jamais um guerreiro da minha arazóia (saia feita de penas usada por índias brasileiras) Me deprenderá: Eu vivo sozinha, chorando mesquinha (insignificante) Que sou Marabá! (DIAS, Gonçalves)</p>	<p>Sufrimento como característica do romantismo, preferência de marabá pela cultura indígena, reflexo da identidade brasileira – a margem da sociedade sem participação política.</p>	<p>Traços românticos; Nacionalismo.</p>

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso presente no poema traz elementos metafóricos, comparativos, paisagísticos e de personificação para a construção dos sentidos. Percebe-se um diálogo no texto entre a mestiça Marabá e um guerreiro indígena que relata a preferência pela aparência indígena, marcado pela idealização.

O poema possui cinco sextetos e seis quartetos, estrutura que retoma características das cantigas de amigo, dos tempos medievais, o que denota a interpelação histórica e ideológica de outra época. Faz referência a uma mulher sofredora, sem autonomia, marcas da identidade do povo brasileiro.

Ainda que o discurso presente no poema Marabá, evidencie um *Eu lírico* feminino, considera-se que a nação brasileira é “Marabá” e que o autor, além de fazer referência a miscigenação da população brasileira, falava de si mesmo, de maneira “não dita” ou inconsciente, pois, seus pais eram um Português e uma Cafuza.

É interessante destacar que “Marabá”, apesar de sua mistura de raças, possuía nítida preferência pela cultura indígena. Haja vista que para os românticos o ideal para representar o nacionalismo seria a figura indígena, tida como símbolo nacional.

Para finalizar é relevante mencionar que para análise discursiva do poema em questão, os sentidos descritos não devem ser considerados literais (únicos). Visto que, para Orlandi (2011, p. 144): “[...] todos os sentidos são possíveis e, em certas condições de produção, há a dominância de um deles. O sentido literal é um efeito discursivo” institucionalizado por meio de processos históricos.

REFERÊNCIAS

- DIAS, GONÇALVES. **Poema Marabá**. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/gdias02.html>>. Acesso em: 01 ago. 2017.
- FONTANA, Mónica G. Zoppi. **Althusser e Pêcheux: um encontro paradoxal**. [s.L: s.n], [2014].
- FRAGOSO, Elcio Aloisio. **A relação entre língua (escrita) e literatura (escritura) na perspectiva da história da língua no Brasil**. Campinas, SP: [s.n.], 2001. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
- GONÇALVES DIAS. Marabá. In: **Poemas**. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997, p. 138-140.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.
- PECHEUX, Michel (1990). **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento?** Campinas: Pontes (1. ed. em inglês 1988).
- RODRIGUEZ ZUCCOLILLO, Carolina Maria. **Língua, nação e nacionalismo: um estudo sobre o guarani no Paraguai**. Campinas, SP: [s.n.], 2000. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.